

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1181	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	5120	20 de Outubro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000				
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500				

CHRONICA OCCIDENTAL

O capitão Paiva Couceiro, á frente de uns secentos homens, muitos dos quaes armados, pretende entrar em Portugal e restaurar a monarchia. Os boatos que respeitam á sua incursão appareceram quando se annunciou o acto eleitoral para a Assembleia Constituinte; depois, quando o projecto da Constituição foi submettido ao Parlamento, de novo circularam esses mesmos boatos; mais tarde, quando foi eleito o Presidente,

outra vez se fizeram ouvir; e, finalmente, chegado o 5 de Outubro, e com elle a celebração do primeiro anniversario da Republica, aos boatos se seguiu, de facto, a promettida investida.

A despeito de todas as affirmações em contrario, o certo foi que esses portuguezes encontraram um abrigo muito singular em terras de Hespanha, e não menos certo é que só devido a esse favor poderam collocar-se na situação em que ainda se acham.

Alguem que procurou conhecer o estado de espiritos das populações da raia gallega a respeito da Republica e dos seus inimigos declarados, diz ao chronista que não lhe ficou a menor

duvida de que as forças monarchicas têm sido criminosamente exageradas, e de que as auctoridades hespanholas, se fizeram prova, a principio, de uma certa negligencia, cumprem agora, em geral, as ordens recebidas do governo de Madrid.

Evidentemente, o governo hespanhol podia, querendo, em menos de quarenta e oito horas, fazer dispersar, pulverisar, reduzir á expressão mais simples, esse agrupamento de emigrados, sem que d'elles ficasse mais que uma recordação; mas o facto de não o ter feito ainda não nos parece razão sufficiente para que resulte demonstrado que o sr. Canalejas e as auctoridades se metteram de górra com os conspiradores, e os

Nas Fronteiras de Portugal



ALTO MINHO — ENTRE MONSÃO E MELGAÇO, ONDE OS CONSPIRADORES TENTAM FAZER INCURSÃO

ajuda, activa ou passivamente, no attentado contra o novo regimen, reconhecido já por todas as potencias.

Quem conversa neste momento com o chronista, conheceu pessoalmente muitos dos allucidos. São labregos das freguezias da raia, que emquanto esperavam dos commandantes ordem para marcharem sem saberem para onde, nem bem ao certo para quê, se entreteriam jogando o *chimo* com *perras gordas*. Depois, postos em marcha, em vez de um ideal definido, de um proposito firme e consciente, o coração transbordar-lhes-ia de amargura, pela perda do lar e da familia, e os olhos talvez se lhes humedecessem de lagrimas, lastimando o destino incerto, entre uma bala e o exilio para sempre...

Entraram, finalmente. Mas ei-los caminhando cabisbaixos pelas longas estradas, pelos caminhos pedregosos, em busca de um pouso, de uma hora de somno tranquillo, rouquejando decerto a praga violenta contra o allucidor assassino, que os foi furtar á paz dos seus trabalhos e das suas consciencias, para se verem agora atirados de terra em terra, acoçados por toda a parte como lobos famintos.

Tem-se dito que essas aldeolas gallegas por onde os conspiradores jogavam o *chimo*, bebericavam a sua canada, e recebiam a instrução de tiro com páus de vassoura, são-lhe abertamente favoráveis. Assim foi. Mas isto não quer dizer que taes aldeolas se erguessem com elles contra a Republica: simplesmente ellas sorriam ás pesetas em que importava o sustento d'aquellas bocas. Nem mais, nem menos.

Fôssem elles muitos, e bem armados, bem instruidos, bem convencidos do fim para que marchavam, e a ninguem ficaria mal o receio de os vêr avançar. Mas assim... tão poucos, tão rudimentar a sua organização, sem facilidades de se armarem, municiares e equiparem, com capitães que são sargentos, caroneis que são tenentes, generaes que são juizes de direito, e chefes de estado maior que foram... jornalistas!

Estejamos pois com aquelles que têm a opinião de que o perigo não vem com a gente affeioada ao capitão Couceiro, a despeito de todo o seu odio e dos seus rugidos: o perigo surgirá se não houver tino e cuidado para conduzir os acontecimentos. Se houver quem saiba evitar que insignificantes actos de indisciplina no exercito redundem em pronunciamentos; se a administração do Estado se não mostrar esteril e inepta — não haja receios pela vida da Republica, nem pelos destinos da Patria.

Dizia ha dias um republicano fervoroso que Paiva Coceiro só poderia ser grande se a propria Republica o engrandecesse. Isto é perfeitamente e exactamente a verdade. O que á Republica convem pois fazer é reduzi-lo. Mas, para o reduzir, não é indispensavel amesquinha-lo. Amesquinhar o inimigo é sempre um erro. Basta elle ser inimigo para que se deva tratá-lo com seriedade.

Pergunta-se: tem ou não tem sido preciso realisar um movimento de defeza em presença da attitude dos conspiradores? Tem. Pois não haveria porventura mais vantagem em, pelo menos, fazer crêr que elles são de veras temiveis, embora de facto o não sejam?

Isto, que nada custava, havia de redundar, fatalmente, num muito melhor proveito da Republica. No dia em que as forças do regimen os aniquilassem de uma vez para sempre, a victoria seria consideravel, a convicção do que póde a idéa republicana no animo português enraizar-se-ia mais vigorosamente ainda nos mais incrédulos de hoje, e, para que tudo fôsse beneficio, até a desventura dos derrotados lhes seria menos penosa, persuadidos de que, realmente, haviam sido tomados a sério.

A chronica não vaticina o triunfo ao capitão Paiva Coceiro, mas faz recordar áquelles que o tenham esquecido, o momento em que a França, agitada pelas tropelias do general Boulanger, entendeu ser preciso tomar algumas precauções no sentido de não ser perturbada por um modo mais grave a tranquillidade da Republica.

Elle não era senão Boulanger, esse triste Boulanger que se suicida, choroso, sobre o tumulo da amante. Bem se sabe.

Mas ella era — a França!

JOÃO PRUDÊNCIO.

Um rapaz, n'um baile suava por quantos póros tinha. Disse-lhe uma dama:

— Muito sua, senhor!

— Oh! muito seu, minha senhora.

Nas fronteiras de Portugal

Alto Minho, Melgaço e Monsão

E' entre estas duas vilas portuguesas da provincia do Minho, que se defrontam com Galisa, que se vê a velha ponte romana, compondo o cenario extremamente pitoresco de toda a região do nosso lindo Portugal.

São estas duas vilas, Melgaço e Monsão, das mais historicas do Minho, por feitos heroicos de seus filhos nas guerras em defesa da integridade da patria contra os assaltos de seus visinhos de Espanha.

Então como agora são as terras da fronteira que despertam as atenções do publico por serem o campo de acção dos que conspiram contra o novo regimen.

Refugiados na Galisa, mercê do governo de Espanha que lhes dá quartel, os conspiradores portugueses tentaram passar as fronteiras pelo Minho, antes de o fazerem agora por Traz-os-Montes, realisando de facto a incursão das suas forças por Vinhaes, entre Chaves e Bragança.

O insucesso dessa incursão foi noticiado pelos telegramas, mais ou menos contraditorios sobre os resultados da aventura, sendo, todavia, certo que houve recontro com as tropas do governo, em que de parte a parte se deram ferimentos e até mortes.

Entretanto os conspiradores não lograram seu intento, e debandaram novamente para a fronteira de Galisa, onde parece que se conservam uns, enquanto outros desanimados dispersaram-se abandonando seus camaradas, á frente dos quaes se encontra Paiva Couceiro.

Agora voltam novamente suas vistas para o Alto Minho, tentando entrar em Portugal por algum destes pontos da fronteira.

Não é facil prever quanto durará tal situação desde que estas incursões tomaram o caracter de guerrilhas, como em tempos, que já lá vão, aconteceu com os celebres Remichido e Galamba, nas lutas liberaes, que por muito tempo inquietaram e não pouco prejudicaram as provincias do Alentejo e do Algarve, especialmente.

A Historia vae, infelizmente, repetindo-se. E' o mesmo povo, é o mesmo país, são as mesmas paixões, e quasi um seculo decorrido, parece tudo encontrar-se na mesma ignorancia e por isso no mesmo fanatismo!

Vamos registrando os acontecimentos e muito é para desejar que a mesma historia se não repita na continuação dos factos que se succedam á implantação do regimen liberal, com as lutas que se travaram entre liberaes por dissensões de partidos, como já se vae manifestando dentro do novo regimen.

Já que falámos de Melgaço e de Monsão, como assunto da gravura que acompanha estas linhas e como terras de feitos heroicos, preciso é confirmar este asserto, contando alguns desses feitos mais curiosos, de entre tantos, porventura, de mais valôr que a historia registra.

Estes que vamos rapidamente relatar, interessam, sobretudo, ás nossas leitoras, porque se referem a duas heroínas tradicionaes que dão bem a medida do valôr das mulheres portuguesas.

Nas guerras de D. João I de Portugal contra D. João I de Castella e contra seu filho D. Henrique III (1384 a 1393), tinham os castelhanos tomado a maior parte das povoações fortificadas do Alto-Minho, mas o valôr das tropas do grande Mestre de Aviz, a todas obrigara a capitular, exceto Melgaço que profiava na resistencia.

O proprio D. João I poz o cerco á praça e empregou estragemas para a fazer render, mas o mais que conseguia eram escaramuças sem resultado positivo.

Havia no Castelo uma mulher natural de Melgaço que tomara o partido dos castelhanos, e sabendo esta que nos arraiaes portugueses militava uma sua conterranea a quem chamavam Ignez Negra, tida por muito valente, a mandou desafiar para combate singular.

Ignez Negra aceitou o repto e dirigindo-se para o ponto designado para a luta, lá se bateram as duas corpo a corpo, sem outras armas que as naturaes, isto é, ás punhadas, vencendo por fim Ignez Negra a sua contendora, que ficou em miseravel estado, quasi que descabelada, toda contundida, com a cara desfigurada pelo grande numero de sócos e unhadadas que levou.

Assim recolheu ao castelo enquanto os portugueses faziam grande algazarra aos castelhanos, e no auge do entusiasmo invadiram com Ignez Negra o castelo. Foi esta heroína que, no logar da bandeira de Castella, hasteou a bandeira por-

tuguêsa, gritando nos seus transportes de alegria: *Mas vencemos-te! Tornastes ao nosso poder. E's do rei de Portugal.*

A outra heroína de Monsão, talvez mais conhecida de nossas leitoras, foi *Deu-la-deu* (Deus a deu) *Martins*, de tão nobre nascimento, como esclarecida e de varonil coragem. São seus descendentes os Palhares.

O feito praticou-se em tempo de D. Fernando I, por 1369, quando este rei português marchou sobre Galisa, que conquistou. Não tardou, porém, que os exercitos de D. Henrique II impedissem a marcha triunfante de D. Fernando, é que D. Pedro Henriques Sarmiento, adeantado de Galisa, viesse pôr apertado cerco á praça de Monsão.

Foi neste cerco que *Deu-la-deu* se portou como os mais valentes dos portugueses que defendiam o castelo. Ella encorajava os homens ao combate e por sua parte fazia aos galegos quanto damno podia, arremessando sobre elles penedos e materias inflamaveis, e quando estes conseguiam abrir brecha, ella corria pronta ao logar do perigo acutilando o inimigo com valentia varonil.

A sua valentia, porém, era tão grande como os sentimentos generosos de seu coração — o que não admira — pois com todo o carinho tratava e pensava os feridos, ao mesmo tempo que abria os seus celeiros para sustentar a guarnição do castelo onde já iam faltando mantimentos, porque o cerco demorava-se e a fome já se fazia sentir, acontecendo outro tanto no arraial inimigo.

Foi então que *Deu-la-deu* teve a ideia de mandar fazer pão com as farinhas que restavam no seu celeiro, e distribuindo-o a seus companheiros, chegou a uma das ameias do castelo e de lá atirou com páes ao inimigo, onde a fome era muita.

Os galegos, surpreendidos com esta generosidade, pensaram que os sitiados estavam bem providos de mantimentos para muito tempo, e desesperando de os fazer render, que mais não fosse do que pela fome, abandonaram o campo e se internaram pela Galisa.

Assim acabou o cerco com grande regosijo da população que, em triunfo, victoriou a sua heroína, e em sua honra e para memoria do feito, a camara poz no seu brazão a figura de *Deu-la-deu* sobre o castelo com um pão em cada mão, como ella o havia distribuido aos citantes da praça.

São estas as duas heroínas de Melgaço e de Monsão, que passaram á historia destes povos.



Tenente-coronel de Artilharia Alberto Carlos da Silveira

Novo Ministro da Guerra

Na ultima semana deu-se uma ligeira crise ministerial que determinou a sahida do sr. general Pimenta de Castro, da pasta da guerra, sendo



TENENTE-CORONEL ALBERTO DA SILVEIRA

imediatamente substituido pelo sr. Alberto Carlos da Silveira, tenente-coronel de artilharia.

A sahida do ministro da guerra do primeiro governo constitucional foi uma verdadeira surpresa, entretanto o que parece determinou esta

sahida fôram divergencias de opiniões sobre o movimento de tropas para a fronteira, que o ministro da guerra achava desnecessarias por ligar pouca importancia á força dos conspiradores, e por demandarem despesas não autorizadas no orçamento.

O novo ministro da guerra é, como ficou dito, tenente-coronel de artilharia, militar muito cotado por sua illustração e por seu valor, e ha muito conhecido por suas ideias democraticas, o que não impediu que durante o antigo regimen desempenhasse importantes comissões de serviço, reconhecida, como era, a sua alta competencia.

Logo que a Republica foi proclamada, o Governo Provisorio escolheu-o para comandante da Policia Civica de Lisboa, cargo em que se houve com bom criterio e zelo, conquistando todos os respeitoes e simpatias da corporação a que presidia, e isto se prova com a homenagem que a mesma corporação, ha pouco, lhe prestou, oferecendo-lhe uma espada de honra.

O sr. Alberto da Silveira foi, tambem, eleito á Assembléa Constituinte, fazendo agora parte do Senado.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Nagasaki a Shanghai

Nagasaki, o mais bonito dos principaes portos do Japão e o que ha mais tempo está aberto ao commercio, tem ultimamente perdido na sua importancia. O movimento commercial tem-se deslocado para Kobe e Yokohama que ficam mais perto dos centros productores e de consumo. Como estação carvoeira Nagasaki está sendo suplantado por Moji que fica mais perto das minas e ao mesmo tempo em melhor posição geographica. No estreito de Simonoseki, é passagem obrigada de todos os vapores que seguem pelo mar interior. Nagasaki é um dos portos onde se embarca carvão com maior rapidez, sendo vulgar metterem-se 300 toneladas por hora. Prejudicou tambem muito este porto a guerra com a Russia. As esquadras russas no Oriente, d'antes sempre numerosas, faziam de Nagasaki a sua séde, demorando-se ali uns nove mezes por anno. Os officiaes tinham ali as suas mulheres ou *ladies friends* que muito animavam o commercio. Ainda agora quasi todas as lojas tem letreiros russos apesar de já não haver ali um unico russo. O grande hotel de Nagasaki teve de fechar. O que dá uma importancia grande ao porto são os estaleiros da construcção naval da companhia «Mitsu Bishi» que visitámos no dia 19 e onde se empregam uns oito mil homens. Vimos ali em construcção cinco vapores, entre elles um paquete movido por turbinas de 13:500 toneladas.

No dia 16 depois de fundear, trocámos visitas com os navios italiano *Calabria* e allemão *Itis*. Estando ausente o vice-consul de Portugal veiu a bordo em seu nome o sr. Leonard Westcott, seu empregado, o qual no dia seguinte me acompanhou na visita que fiz ao governador de Nagasaki-Ken o sr. Yoshitaro Arakawa.

No dia 18 veiu a bordo o governador acompanhado pelo seu secretario o sr. K. Nogochi, agradecer-me a visita dispensando a salva á sahida.

No dia 19 de manhã visitámos os estaleiros de construcção naval da companhia «Mitsu Bishi» onde estão em construcção cinco vapores, sendo um de turbinas de 13:500 toneladas e onde trabalham 8:000 operarios.

Pelas 6 horas da tarde suspendemos e navegámos a sahir do porto em direcção a Shanghai. Fóra do porto vento SSW e vaga. A's 10 h. e 45 m. passámos meia milha ao sul da ilha de Birro Na manhã de 20 alcançámos o vapor da «Canadian Pacific», *Monteagle*, que seguia ao mesmo rumo com o qual navegámos juntos até Woosung.

Ao amanhecer de 21 de julho avistámos pela prôa o farol de Saddle Island. Navegámos em direcção ao canal do sul da entrada do Yangtze-kiang. Já á vista da boia Fairway entrou o piloto a bordo. Com maré a favor subimos o rio. A's 11 horas, perto das fortalezas de Woosung salvámos á terra, salva que nos foi correspondida içando a fortaleza a bandeira portugueza por cima da china. Subimos o rio Woosung, perto de Shanghai entrou a bordo um official da capitania que á 1 hora da tarde amarrô o navio em

frente da concessão franceza com 30 braças de amarra de cada ferro.

Shanghai, 21 de julho de 1910.

De Shanghai a Fuchau

Estavam em Shanghai quando chegamos as canhoneiras allemãs *Tiger* e *Luchs*, com as quaes trocamos cumprimentos. No dia 22 de julho veio a bordo o vice-consul de Portugal, Joaquim Fausto das Chagas, e no dia seguinte o commandante dos voluntarios de Shanghai, tenente-coronel A. S. Barnes, visitas que retribui. Não visitei o Tao-tai por estar ausente em Nankin tratando da questão financeira de Shanghai que preocupava toda a cidade. Devido a grandes especulações feitas com as acções das companhias de borracha, onze bancos chinas estavam prestes a fallir e atraz d'elles iriam os bancos europeus, se o governo china não soccorre aquelles. Como o commercio de Shanghai com o estrangeiro é representado por uns 340 mil contos, pôde avaliar-se o quanto esta crise financeira é importante. No dia 27 mettemos 210 toneladas de carvão Cardiff a £ 2,6* a tonelada f. o. b., isto é, 3,80 patacas mais barato por tonelada do que poucos dias antes metterá o *Vasco da Gama*. Foi isto devido a uma recommendação que tinha de Londres para a casa fornecedora Dodwell & C.*

A 28 teve logar no Club União uma recepção offerecida pela colonia portugueza de Shanghai, que consta d'umas 3:000 pessoas, aos officiaes do *S. Gabriel*. Fomos feitos socios honorarios d'este club assim como do Club de Shanghai. No dia 29 fui com os guardas-marinhas ao observatorio de Zi-ka-wei, o mais importante observatorio meteorologico do Oriente e aquelle que mais serviços tem prestado á navegação. Fomos ali muito amavelmente recebidos pelo director o Rev. Louis Froc que nos mostrou os differentes instrumentos, as cartas, os sistemas de avisos aos navegantes, etc., o que foi muito interessante e instructivo, por isso que n'aquella occasião se approximava de Shanghai um tufão que retardou de dois dias a nossa partida. Em Zi-ka-wei recebem-se diariamente uns 200 telegrammas meteorologicos, que servem para a confecção das cartas e avisos publicados duas vezes por dia. O observatorio astronomico e o magnetico foram transferidos para Zose, a uns 20 kilometros de Zi-ka-wei. O estabelecimento dos tranvays electricos em Shanghai tornou impossiveis as observações magneticas. Vimos a nova luneta meridiana e o serviço da hora para regulção dos chronometros. A hora é dada em Shanghai tres vezes nas 24 horas, duas de dia por meio d'um balão e uma de noite por meio de luzes.

Durante a nossa permanencia no porto, entraram as canhoneiras inglezas *Clio* e *Cadmus* e a allemã *Jaguar*, com as quaes trocamos cumprimentos. No dia 30 e 31 continuou o tufão violento, a ponto de deixarem de partir os paquetes da mala allemã e franceza. No dia 1 de agosto, depois de consultar o director do observatorio, resolvemos partir da melhor e mais bonita cidade europea do Oriente. Suspendemos ás 6 da manhã e ás 6,30 começámos a descer o rio, passando Wusung ás 8 horas. A's 11,45 largamos o pratico perto da boia Fairway, ás 2 passámos pelo farol de Button e ás 4,20 entramos no Mar da China pela passagem de Steep Island, encontrando mar chão e vento S. bonançoso. No dia 2 continuamos a navegar com muito bom tempo ao longo da costa da China sempre á vista de terra e por entre as ilhas até ás 6,30 da tarde, hora a que fundeámos á entrada do Rio Min, a oeste da ilha Matsu. No dia 3 de agosto pelas 5 horas da manhã, tendo a bordo o pratico china, suspendemos e seguimos para a barra. Subimos o Rio Min até Pagoda Anchorage, onde ás 7,30 amarrámos com 45 braças de amarra de cada ferro.

De Fuchau a Macau

O rio Min, corre n'um paiz montanhoso coberto de vegetação, é o mais pittoresco dos rios da China e por isso cognominado o Rheno chinês. Da foz até ao ancoradouro usual dos navios — Pagoda Anchorage — são umas trinta milhas. Pódem ali chegar, esperando a maré, navios que demandem até 26 pés. D'aquella fundeadouro até á cidade de Fuchau percorrem-se mais umas onze milhas, mas o rio tem em alguns pontos apenas um pé e meio de profundidade na baixamar. Só em pequenas embarcações se pôde subir. Fuchau foi o mais importante porto de exportação de chá. Hoje esta exportação está reduzida a perto de metade.

Pouco depois de amarrarmos veio a bordo o

capitão do porto, Mr. Charles H. Palmer, um velho e interessante marinheiro inglez que commandou um dos antigos navios da Companhia das Indias, foi durante dez annos commandante d'uma canhoneira china e immediato do celebre *Great Eastern*, quando este navio se empregou em lançar os primeiros cabos submarinos no Atlantico e no Oceano Indico.

No dia 4 de manhã, acompanhado de alguns officiaes, subi o rio no escaler a vapor até Fuchau, regressando de tade. Com a maré a favor e levando a canôa a reboque, levamos uma hora e um quarto. Fui visitado pelo agente consular de Inglaterra o dr. W. Wykeham Myers, que me offereceu um jantar onde concorreram os principaes homens e senhoras inglezas de Fuchau. Durante a nossa permanencia, fomos considerados socios honorarios do Club das Alfandegas.

A's 8,50 da manhã do dia 5 começámos a navegar em direcção á barra. Pelas 11,10 largámos o piloto e seguimos para o sul ao longo da costa da China com mar plano e monção fraca. A's 7 horas passámos o farol de Ockseu e ás 9 da manhã do dia 6 o farol de Lammock. Diminuimos a marcha de 12 a 9,5 milhas afim de não chegar de noite a Macau, o que era inconveniente para escolher o fundeadouro.

Pelas 3,30 da manhã de 7 de agosto avistou-se pela prôa o farol de Waglan, para cujo semaphorico se içou, ás 6,15, o nome do navio. Continuando a navegar em direcção a Macau, fundeámos na Rada pelas 10 horas da manhã, salvando em seguida á terra.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



Primeiro anniversario da proclamação da Republica Portuguesa

No Porto não fôram menos brilhantes do que em Lisboa, as festas comemorativas da proclamação da Republica Portuguesa.

Na capital do norte, onde aliás acabava de abrotar uma conspiração monarchica, fôram, por isso mesmo, tanto ou mais ruidosas as manifestações que se produziram em favor da Republica, como que para afirmar quanto o novo regimen está no espirito do povo portuense.

O governo fez-se representar pelo ministro do fomento sr. dr. Sidonio Paes, que tomou parte em todos os numeros do programa, principiando por a inauguração, nos Paços do Concelho, de um busto da Republica, bela obra do escultor Teixeira Lopes. Na sessão solene que pará este fim se realisou, pronunciaram discursos o sr. ministro do fomento, Xavier Esteves, presidente do municipio, Santos Pousado, senador, etc.

No Palacio de Cristal organisou-se o cortejo civico composto das autoridades civis e militares, escolas populares e superiores, associações de todas as classes, encorporando-se 14 bandas e quatro grupos musicas, fechando o cortejo com o belo carro da Cidade do Porto, pertencente ao Club dos Fenianos Portoenses.

Este cortejo, depois de percorrer as principaes ruas da cidade, lindamente ornamentadas e por onde o povo se aglomerava dando vivas e palmas, entrou na praça da Republica — antigo Campo da Regeneração — onde ia proceder-se ao lançamento da primeira pedra do monumento a levantar á Republica.

A esta praça, onde formava a guarnição militar do Porto, acudiu todo o povo que depressa a encheu, apesar da sua vastidão. A' cerimonia do lançamento da primeira pedra, assistiram, além da camara municipal e mais autoridades, o sr. ministro do fomento.

Num cabouco aberto a meio da praça foi collocado um cofre encerrando uma placa de bronze com a seguinte inscrição gravada:

Em 5 de outubro de 1911, foi lançada a primeira pedra deste monumento comemorativo da revolução de 5 de outubro de 1910, que implantou a Republica em Portugal, conforme deliberação da camara municipal do Porto de 3 de agosto de 1911.

Depois desta cerimonia dirigiu-se o sr. ministro do fomento com os membros da camara e autoridades para um architectonico pavilhão levantado a meio da praça, pela frente do qual passaram as tropas em continencia, ao som da *Portuguesa* tocada pelas bandas.

Numas bancadas juntas ao pavilhão tomaram logar as creanças das escolas e ali cantaram o

1.º Anniversario da Proclamação da Republica Portuguesa



EM LISBOA — ILLUMINAÇÕES NA RUA AUGUSTA — A RUA AUREA — A PRAÇA DO POÇO DOS NEGROS — NO LARGO DE CAMÕES — NO LARGO DO POÇO NOVO



NO PORTO — CHEGADA DO CORTEJO CIVICO À PRAÇA DA REPUBLICA, ONDE É LANÇADA A PRIMEIRA PEDRA PARA O MONUMENTO COMEMORATIVO — (Fotografia do sr. Emilio Biel, cliché da «Mata da Europa»)

hino nacional, o da *Maria da Fonte* e a *Semeteira*, por entre as aclamações e vivas entusiásticas da multidão.

A noite houve iluminações em todos os estabelecimentos publicos e na maioria das casas particulares, queimando-se tambem um lindo fogo de artificio. No Palacio de Cristal realisou-se um sarau musical, promovido pela camara, que foi muito concorrido do publico que tanto aplaudiu os executantes como aclamou a Republica.

A's nove e meia horas da noite o sr. ministro do fomento, acompanhado dos srs. governador civil, presidente da camara e dr. Carlos Calixto, visitou o Club dos Fenianos, onde foi recebido pela direcção, havendo um delicado copo de agua, em que se trocaram varios brindes, sendo o principal o do sr. dr. Eduardo de Oliveira ao representante do governo agradecendo a sua comparsencia naquella Club.

Almada

Na margem esquerda do Tejo, defronte da casaria de Lisboa, em local de assento dominador, sobranceiro ao formoso rio e beijado pelas brisas do mar, debruça-se de antigos parapetos, já não primitivos, o castello e villa de Almada, avivando nos lidos gratas recordações historicas e a todos encantando pelas scenas grandiosas dos quadros da Natureza, em horisontes largos.

Perde-se a origem da povoação na escura noite de tempos remotos, e a mouros, que eram seus senhores, a arrancou, em 1147, a adága vencedora de Alfonso Henriques.

Através das idades, ha sido berço distincto de illustres vultos e outros lá encontraram interminavel somno e abrigo temporario.

De tres d'aquelles regista o nome Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*:

D. Fr. Gerardo de S. Joseph.

Manoel Gomes Galhano de Lonrosa.

Fr. Silvestre de Almada.

Foi o primeiro eleito bispo de Malaca, em 1748, o segundo professor insigne de medicina e astrologia e o terceiro muito douto.

Entre os que jazem no solo de Almada sem que ahí nascessem figuram dois, ainda ao presente comprovados por monumentos, o celebre Fr. Francisco Foreiro, fundador do convento de S. Paulo e o celeberrimo Fernão Mendes Pinto, o viajero incomparavel, que ali casou, foi pae de filhos e para estes escreveu o famoso livro das suas authenticas *Peregrinações*.

De Almada se tem occupado, em diversas épocas, mais de uma penna consagrada na republica das letras, e, em especial, contemporaneamente, o conde de Sabugosa em artigo publicado em dois numeros da revista *Serões*, José Joaquim Gomes de Brito em artigo vindo a lume no antigo semanario da localidade *O Liberal*, e Fialho d'Almeida em artigo estampado na *Illustração*.

Não pretendo, até por inutil redundancia, produzir, n'este momento, qualquer monographia e estudo erudito sobre Almada. Tudo isso está feito com a evidente competencia que me não assiste, em obra auctorizada pela assignatura de escriptores preclaros e primorosos buriladores de terna prosa, taes como aquelles que acabei de citar precedentemente.

O meu intuito é menos elevado, mas mais pra-

tico: tenho em vista falar de Almada, com relação a agua.

Por falta d'esta, ha seculos, rendeu-se a villa aos castelhanos de D. João 1.º, o vencido de Aljubarrota, depois de arrojadas travessias do Tejo, a nado, executadas por um heroico Almadense de que, para cumulo de infelicidade, apenas ficou o registro simples do feito assombroso.

A triste situação de tal carencia do liquido precioso, tem-se mantido até os nossos dias, sem embargo de não ser difficil de comprehender que, hoje mesmo, causa identica haveria de determinar, por força, identico resultado.

Ainda mais: um incendio de proporções maiores, póde convertê-la sem remedio n'um inglorio montão de cinzas!

Eu poderia, talvez, tecer agora o panegirico da agua, para provar que é incompativel o progresso de qualquer povoação com a ausencia absoluta de semelhante elemento primacial de vitalidade e de riqueza; mas desnecessaria se me afigura a empreza de tal empenho em assumpto de tanta nitidez axiomática para quem quer que seja.

A actual Comissão Administrativa do concelho, que se acha investida no cargo desde o advento da Republica, tomou a peito a partir do acto da posse a resolução do magno problema, a que está ligado o interesse do municipio e de que depende o futuro prospero da hospitaleira localidade.

Este procedimento modelar da edilidade honra deveras a pessoa dos cidadãos que a contituem, merece o registro publico nas columnas da Imprensa.

D'aqui a applaudo com todo o entusiasmo que sempre me despertam as dedicações civicas incontestaveis, na obra de saneamento moral e de engrandecimento manifesto de todos os centros populosos do paiz.

E' Almada e seu termo, d'essa categoria, pelos numerosos estabelecimentos fabris que possui e onde milhares de homens labutam com esforço quotidiano.

Dentro em breve, o caminho de ferro do sul, prolongado da estação do Barreiro, terá em Cacilhas, local caes de embarque da villa d'Almada, o seu ponto extremo, e, em não muito dilatado periodo, porventura, será levada a effeito a transferencia do arsenal de marinha para as suas proximidades.

Incidentalmente lembro ao Governo, o possivel aproveitamento do palacio na quinta do Alfeite, para installação da Escola Naval, accommodada a internato.

A meu parecer, destituído de auctoridade, aliás, não avultam desvantagens em desabono da idéa d'essa installação. Os competentes, porém, ajuzarão com acerto technico e com plena sciencia consummada.

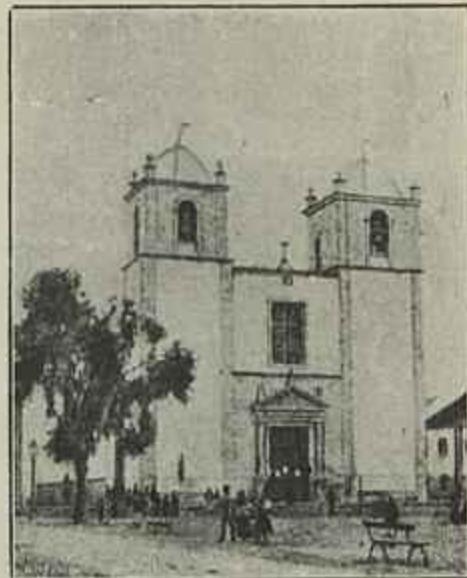
A Almada todas estas cousas, realisadas, valerão de immenso impulso economico e significarão, debaixo do aspecto da politica propriamente dita, uma verdadeira emancipação social.

Uma rêde de electricos, a pô-la em rapida comunicação com a Trafaria e com outros lugares do concelho, bem como um elevador, do caes de Cacilhas até a alameda do Castello pela calçada da Pedreira, haveriam de garantir-lhe juro certos de despesas relativas mediante a frequencia que tende a crescer, simultanea com o concurso de forasteiros e visitantes, susceptiveis de serem attrahidos e captivados, se uma boa orientação de iniciativas particulares e individuos concertar um plano que apraza ao publico em geral e aos viajantes em especial.

Como á Suissa, dotou a Natureza o alcantil adusto em cujo cume sobresaem as torres da villa de Almada, generosa e amplamente.

Basta que os homens queiram com sincero apêgo e de mãos dadas, tirar partido logico das tantissimas bellezas que lhe resultam da typica e singular posição geographica, para que a terra desperte novas attentões, avance materialmente, influa na economia interna da zona que abraça.

Aos almadenses, residentes dentro e fóra, perto e ao longe do torrão aprazivel do seu berço natal, convido a que meditem no que deixo exposto nas desataviadas linhas d'esta minha humilde prosa, filha, contudo, sem duvida alguma, do meu proprio intimo e sentido affecto a uma povoação a que me confesso grato e no cemiterio da qual, na valla commum, o indecifrável destino me fará repousar, com muitas probabilidades.



A IGREJA MATRIZ DE S. TIAGO

Egualmente, os convido a que ponderem no quanto lhes importa prestar o seu auxilio moral e material á Comissão Administrativa, para que ella haja de desempenhar-se do mandato popular a contento dos municipes e legue como herança ás vereações do porvir o testemunho eloquente do seu escrupulo meticuloso e do seu nobre desinteresse.

E agora, chegado a este limite, o que mais hei de acrescentar?

Leitores amigos, alheios mesmo ao contórno e relêvos naturaes da villa de Almada, acompanhame no appello em favor da historica localidade; tende presente na memoria que no seu ambito occorreu a scena unica e memoravel que inspirou a Garrett o drama genial, justamente considerado como sendo uma das joias irrealizaveis da litteratura patria, *Frei Luiz de Sousa!* (1)

14-1-911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

O convento das Francesinhas e a sua fundadora

(Continuado do numero 1180)

Quando isto succedia, já D. Maria Francisca se pagava, acaso, do despreso de seu marido, como mulher, impondo-se como rainha, querendo ter entrada no Conselho de Estado, o que lhe foi concedido; mas não ficaram por aqui suas exigencias, pois quiz que o general Schomberg, seu parente, fosse nomeado general em chefe, opondo-se inergicamente a isso os generaes portuguezes, o que, em todo o caso, não impediu a nomeação de Schomberg para governador das armas do Alentejo.

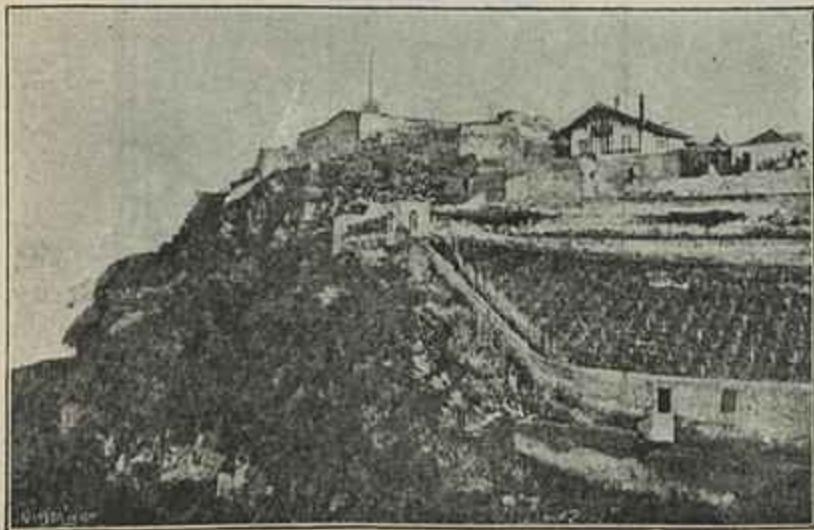
D. Maria Francisca foi assim asenhoreando-se da politica, não obstante toda a opposição dissimulada do primeiro ministro de D. Affonso VI, conde de Castello Melhor, que a breve trecho lhe reconheceu as intencões, bem como as do

(1) Refere-se ao convento de S. Paulo, monumento da historia patria, embora de modesta edificação. Na igreja deste convento praticou-se ha dias um inaudito acto de vandalismo, pois foi assaltada por um grupo de malvados (uns trinta), que depois de destruir belias imagens que lá havia, roubaram os adornos preciosos das mesmas.

Entre as preciosidades artisticas que tivemos occasião de ver, nesta igreja, notamos um pequeno e primoroso presepio cujas figuras deviam ser de Machado de Castro ou de qualquer berrista insigne. Em nosso entender, este presepio não valia menos que todas as mais imagens da mesma igreja.

Pertencera a um frade que fóra daquelle convento, parente da familia Ferraz, em cuja posse estava, mas all o conservava no altar do cruzeiro do lado do Evangelho. Não sabemos se esta preciosidade artistica ainda ali se conserva ao presente e, por isso, se tambem iria na onda devastadora dos vândalos que invadiram aquelle monumento.

A Redacção.



CASTELO DE ALMADA

infante D. Pedro, aliado com sua cunhada, ambos no proposito de deporem o rei.

Toda a sagacidade e diplomacia do habil estadista, para conservar no trono a D. Affonso VI, não poudo vencer a grande intriga dos dois amantes — pois já eram bem conhecidos seus amôres — e o conde de Castelo Melhor, entendeu dever pedir a demissão do seu cargo antes que o rei, fraco e constantemente instado pela rainha, o dispensasse de seu ministro.

D. Antonio de Sousa de Macedo, secretario de Estado, manifestara-se tambem contra a rainha o que lhe valeu ser exilado por imposição de D. Maria Francisca.

Ficou assim D. Affonso privado dos seus dois melhores amigos que o sustentavam no poder, e a rainha e o infante D. Pedro senhores da situação.

D. Affonso VI, depois de ter por seu ministro a Henriques de Miranda, ainda tentou chamar para o seu governo a D. Antonio de Sousa de Macedo, mas a rainha protestou energicamente, e o infante D. Pedro com alguns fidalgos, que se lhes reuniram armados, entrou no paço em o dia 5 de outubro de 1667, obrigando seu irmão a demittir e novamente a exilar o seu secretario de Estado, o que conseguiu.

Tudo se dispunha para a deposição de D. Affonso VI, fazendo o infante com que se convocassem as côrtes para esse fim.

A rainha, por sua parte, abandonava o paço a 21 de novembro de 1667 para se recolher ao convento da Esperança, de Lisboa.

IV

D. Maria Francisca de Saboya tomara a resolução de se recolher ao convento muito em segredo, como se depreende de dois bilhetes que seu confessor, o padre De Villes, escreveu ao jesuita Verjus, dando-lhe noticia do caso e pedindo-lhe desculpa de lhe não ter comunicado antes, por se ter guardado absoluto segredo (1).

Uma vez no convento, a rainha dirigiu a seu marido uma carta, que parece ter sido escripta antes, visto ser datada de 18 (2).

Esta carta é documento frisante para avaliar o caracter de quem a escreveu.

Eil-a:

«Meu Rey, e meu senhor, deixei a minha Patria, vendi a minha fazenda por buscar a vossa Magestade, amallo, e servillo, Vossa Magestade não se satisfe de mim: heme forçado tornarme para aminha Patria, por justissa, e por rezão, e por obrigação me deue Vossa Magestade deferir, por justissa dar-me o meu dote, por rezão, dandome licença para me hir, por obrigação, fauorecerme por estrangeira. Lisboa dezoito de novembro de mil seiscentos e sessenta e sete.»

«Dona Maria Francisca Luitza de Saboya.»

No dia immediato ao de D. Maria Francisca de Saboya recolher ao convento, dirigia tambem outra carta ao Cabido da Sé de Lisboa, documento não menos curioso, revelador da pressa que tinha em anular o matrimonio, no mal disfarçado intento de legalisar seus amôres com o infante D. Pedro, pelos laços do casamento, como de facto aconteceu.

Eis a carta:

«Aparteime de Sua Mg.^{de} que Deos G.^{de}, por não aver tido efeito matrimonio em que nos concertamos por não poder sofrer por mais tempo os escrupulos de minha conciencia que o amor que tenho e mereço a este Reino, me fez disimular athé gôra espero que sua Mg.^{de} que Deos G.^{de} como melhor test.^o o declare p.^o me poder recolher livre.^{te} a frança sem embaraço de Minha pessoa, e no cabido da S.^{ta} sé desta Cidade aquem por seus Ministros tôca ser juiz desta causa Rogo m.^{te} queirão mandar abreviar q.^{ta} for possivel taouresendome en tudo que for just.^o a hãa estrangeira magoada de desgraça de não poder Viver na terra que Veio busquãr de tam longe cõ tanto gosto e pode m.^{te} confiadamente emtender de min o cabido q.^{ta} em toda a parte saberei Reconhecer e agradecer toda a cortezia cõ que me

tratarem. Lisboa a 22 de novembro de 1667 annos.»

«D. M.^a Francisca Isabela de Saboya.» (1)

Não se demorou de facto o processo de divorcio, pois a 9 de dezembro, já o cabido nomeava para juizes desta causa o bispo de Targa — que havia abençoado o casamento — D. Francisco de Souto Maior, Pantaleão Rodrigues Pacheco, conego e inquisidor, dr. Valentim Feio da Matta, vigario geral, conego Manoel de Saldanha, Nuno da Cunha de Eça, dr. Francisco Barreto, mestre de teologia e Pedro de Athayde e Castro, inquisidor deputado do Santo-Oficio.

D. Maria Francisca, por sua parte, apresentava o libello no dia 11 de janeiro de 1668, acompanhando-o com uma declaração assinada por D. Affonso VI, a 2 de dezembro de 1667, em que este jurava não ter consumado o matrimonio.

Este documento, porém, não foi considerado sufficiente pelos julgadores desta desgraçada causa, e assim foram chamadas testemunhas da peor especie a depôr, com desbragado escandalo e imoralidade, dando por fim o tribunal sentença de nulidade do matrimonio, a 24 de março de 1668.

(Continua.)

C. A.

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro, 1911

Barometro. — Max. altura 769^{mm},4 em 22.

» Min. » 759^{mm},0 em 10.

Termometro. — Max. altura 36°,2 em 2.

» Min. » 14°,9 em 22.

E' o mez de setembro mais quente que se tem registado no observatorio, sendo as temperaturas dos dias 1 e 2, as mais elevadas de que ha conhecimento (36°,1 e 36°,2). Até á data, tinha sido de 35°,1 a temperatura mais elevada de setembro.

Pela primeira vez em setembro, a media diaria de temperatura foi de 29° em 2. Pela primeira vez, igualmente, se notaram dez dias de maximas superiores a 30°. Em 1865, tinha havido nove dias com maximas superiores a 30°. De 27 a 30 as maximas foram respectivamente de 31°,1, 30°,4, 30°,1 e 30°,9.

Chuva — Inferior á normal (23^{mm},2 em 7 dias).

Relampagos — Em 11.

Trovões — Em 6 e 11.

Nevoeiro — Em 18.

Vento dominante — NNW.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 10 dias.

» Nublado 20 dias.

Temperaturas medias extremas — 29°,00 em 2 dias.

» » » — 17°,54 em 22 dias.



Annuario da Universidade de Coimbra — Anno lectivo de 1910-1911 — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1911.

O presente volume que abrange 488 paginas, incluindo o indice, continua as boas tradições antigas no concernente a esta publicação e insere a legislação reformadora hodierna, o que muito o recomenda e o torna interessante.

Revista de Chimica Pura e Applicada. — 7.º anno — n.º 6, 7 e 8 — Junho, julho e agosto de 1911.

Esta excelente publicação scientifica do Porto, cujo corpo de redacção é constituído pelos distintos professores srs. A. J. Ferreira da Silva, Alberto de Aguiar e José Pereira Salgado, acaba de evidenciar-se mais uma vez no nosso meio illustrado pela inserção de trabalhos primorosos.

(1) Na Torre do Tombo existe copia desta carta, cartorio do mosteiro de S. Vicente, vol. xiii, fl. 242. No British Museum está o original ou copia tambem, assignada D. Maria Francisca Luitza de Saboya.

Nos tres numeros a que nos reportamos, reunidos em volume, figuram, entre outras materias dignas de ponderação e atenção, a substanciosa conferencia do sr. Ferreira da Silva sobre os modernos progressos da quimica farmaceutica e a sua influencia sobre a farmacia actual, pronunciada em 26 de junho de 1909 na Sociedade Farmaceutica Lusitana de Lisboa e uma noticia curiosa relativa ás aguas do novo abastecimento do Porto, illustrada com sugestivas estampas.

Cantigas por M. Cardoso Martha. — Segunda edição. — Lisboa. — Cernadas & C.^a. — Livraria Editora. — Anno de MCMXI.

E' um folheto dedicado á memoria de Garrett e contendo 121 quadras de uma suave modalidade em que o autor se apresenta uma verdadeiro psicologo inspirado na musa popular, que elle reaviva e reacende, transportando-nos a outros tempos, anteriores á nossa idade e á do proprio Garrett.

«Ao passar á tua porta
«Mandarei calar o vento;
«sempre quero vêr se sonhas
«comigo no pensamento.»

«Não me escrevas, meu amor,
«bem sabes que eu não sei lêr;
«escuso de dar a outra
«meus segredos a saber.»

Poderíamos comprovar o nosso assérto analítico, proseguindo agora na transcripção da poesia encantadora; mas o espaço não o permite e só nos contentaríamos com ella, na integra.

Para habilitar, porém, os leitores a formar juizo, as duas mimosas petalas destas flôres, a vicejar sob o nome de *Cantigas*, bastam exuberantemente.

Cardoso Martha deve continuar a fazer imprimir os seus versos, educadores do sentimento, de que está carecida a patria portugueza nesta hora historica em que, por fim, irradiado para nós todos o luminoso e deslumbrante sol cuja face limpida se retrata em tres palavras: Liberdade — Igualdade — Fraternidade!

Camões e Macedo. — *Análise do Discurso Preliminar com que este prefaciou o seu poema «O Oriente»*, por José Ramos Coelho — Separata dos trabalhos da Academia de Ciencias de Portugal — Primeira serie — Tomo 2.º — Lisboa — 1911.

Com uma erudição enorme e uma paciencia beneditina o distinto poeta e historiador prova á saciedade que o celebre padre cioso — «além de injusto, era falsario».

102 paginas de texto e 12 de notas, desdobram diante do leitor, com rigor de perfeito escrupulo, o assérto de Ramos Coelho e demonstram por modo autentico o realissimo valor do illustre academico.

Oxalá elle possa ainda por novas investigações de labores estudiosos mimosear-nos mais e mais com outros testemunhos de seus altos meritos scientificos-literarios.

Aos Conservadores Portuguezes, por Alfredo Pimenta — 1911 — Cernadas & C.^a — Livraria Editora — Lisboa.

Eis um opusculo de propaganda cujo texto, de 58 paginas, comprehende quatro rubricas:

- Prefacio;
- Considerações geraes;
- Partidos politicos;
- A Republica Portugueza.

E' trabalho bem orientado e revelador de sentimentalidade civica, dentro dos limites do exequível, á plena luz da boa logica.

Na ultima pagina está, nas seguintes linhas, a sintese compendiosa de tudo o que é necessario e util á nossa gente e ao nosso país para progredir e prosperar:

«Não femos demasiado na protecção alheia. Confieemos em nós apenas. Isto não é obra para um governo decretar: é missão para um país desempenhar. Mas esta missão só pôde ser cumprida pela acção convergente de todos os espiritos, pela coordenação sistematica de todas as vontades.»

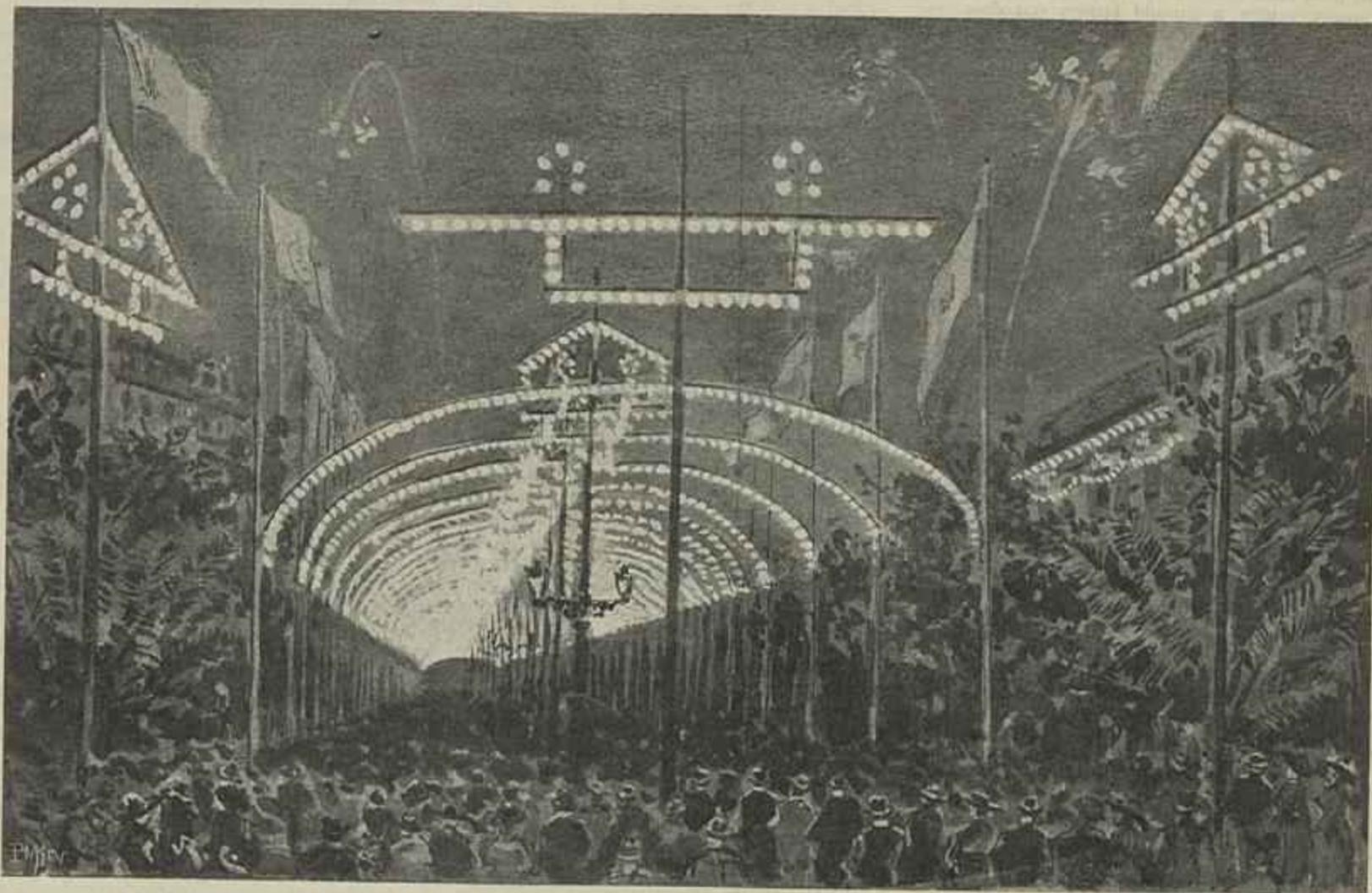
Perfilhamos o ideal contido na transcripção precedente e não nos parece de edificacão esperancosa um certo desapêgo de unidade a que temos assistido, nestes dias, em que a consolidação da Republica reclama de todos um esforço de assistencia homogenea e não indica por emquanto a formacão de partidos.

A pensar e para pensar existe uma cousa de

(1) Estes bilhetes foram publicados no *Archivo Pittoresco*, IV vol., pag. 3, 1861.

(2) A carta original, ou copia assignada por D. Maria Francisca de Saboya, existe do British Museum de Londres. Na Torre do Tombo, cartorio do mosteiro de S. Vicente, vol. xiii, fl. 242, ha uma copia com a data de 21, mas que difere tanto da que é tida por original.

1.º Anniversario da Proclamação da Republica Portuguesa



EM LISBOA — AS ILUMINAÇÕES NA AVENIDA DA LIBERDADE

vulto e de atração. — Portugal! E elle era doente, era enfermo de mil achaques diversissimos, que ainda não dispensam de energia medicamentosa, a acção, em accordo comum, de todos os homens que o libertaram.

Mantenham-se, pois, no posto de honra, mutuando coadjuvações e cuidados reciprocos.

A Patria lhes será agradecida, e a posteridade relembrará com orgulho os seus nomes aureolados!

Relatorio da Missão de Colonisação no Planalto de Benguella em 1909. — Loanda — Imprensa Nacional — 1910.

Para o desempenho de tão util serviço publico foram nomeados o medico, explorador naturalista, sr. José Pereira do Nascimento, o agronomo sr. Antonio José do Sacramento Monteiro e o tenente sr. João Maria Ferreira do Amaral, por portaria do governo geral de Angola, datada de 4 de julho de 1907.

Destes funcionarios só o primeiro se manteve até o fim e a elle pertence o relatorio de que se trata.

Documento lucido e empolgante de verdade, enriquecido com cartas, mapas e estatistica, afigura-se-nos altamente precioso e aproveitavel e daqui recomendamos a sua leitura aos portuguezes verdadeiramente interessados pela causa das nossas colonias, tão carecidas de europeus diligentes e afeiçoados ao trabalho remunerador.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões

POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 234 paginas, profundamente illustrado com desenhos de A. Banaixo e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartanagem em relevo, ouro e côres, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Peço Nove — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

**CONTRA
A TOSSE**

JAMES
MAROPE PEITORAL

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.^ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis